

SERVIÇO DIOCESANO DE ACÓLITOS

Departamento de Liturgia do Patriarcado de Lisboa



A estrutura da Missa
Os seus elementos e suas
partes

I – A Estrutura da Missa

Na Missa ou Ceia do Senhor, o povo de Deus é convocado e reunido, sob a presidência do sacerdote como representante de Cristo, para celebrar o memorial do Senhor ou sacrifício eucarístico. Nesta assembleia local da santa Igreja aplica-se eminentemente a promessa de Cristo: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles" (Com efeito, na celebração da Missa, em que se perpetua o sacrifício da cruz, Cristo está realmente presente: na própria assembleia congregada em seu nome, na pessoa do ministro, na sua palavra e, certamente de uma forma substancial e permanente, sob as espécies eucarísticas.

A missa consta, por assim dizer, de duas partes: a liturgia da palavra e a liturgia Eucarística. Estas duas partes, porém, estão entre si tão estreitamente ligadas que constituem um único acto de culto. De facto, na Missa é posta a mesa, tanto da palavra de Deus como do Corpo de Cristo, mesa em que os fiéis recebem instrução e alimento. Há ainda ritos próprios, a abrir e a concluir a celebração.

II - Os Diversos Elementos da Missa

1. Leitura da palavra de Deus e sua explicação

Quando na Igreja se lê a sagrada Escritura, é o próprio Deus quem fala ao seu povo, É Cristo presente na sua palavra quem anuncia o evangelho.

Por isso as leituras da palavra de Deus, que oferecem à Liturgia um é dos elementos de maior importância, devem ser escutadas por todos com veneração. E ainda que a palavra divina contida nas leituras da Sagrada Escritura, seja dirigida a todos os homens de todos os tempos e seja para eles inteligível, todavia a sua eficácia aumenta quando é acompanhada de um comentário vivo, isto é, a homilia, a qual constitui parte integrante da acção litúrgica.

2. Orações e outros elementos que pertencem à função do sacerdote

Entre as partes da Missa que pertencem ao sacerdote, está em primeiro lugar a Oração Eucarística, ponto central de toda a celebração. Vêm a seguir as orações: a oração colecta, a oração sobre as oblatas e a oração depois da comunhão. O sacerdote, que preside à assembleia como representante de Cristo, dirige estas orações a Deus em nome de todo o povo santo e de todos os presentes. Por isso se chamam “orações presidenciais”.

Compete igualmente ao sacerdote, enquanto presidente da assembleia reunida, fazer certas admonições, bem como proferir as fórmulas de introdução e de conclusão previstas no próprio rito. As admonições, por sua natureza, não têm que ser necessariamente proferidas nos termos apresentados pelo Missal; convém, ao menos nalguns casos, serem de certo modo adaptadas às condições reais da assembleia. Pertence ainda ao sacerdote presidente anunciar a palavra de Deus e dar a bênção final. Além disso, pode também dirigir aos fiéis uma brevíssima introdução, ao começar a celebração da Missa; antes do prefácio, para a Oração Eucarística; finalmente, antes da despedida, ao terminar toda a acção sagrada.

O carácter «presidencial» destas intervenções exige que sejam proferidas em voz alta e clara e escutadas por todos com atenção. Por isso, enquanto o sacerdote as profere, não se hão-de ouvir nenhuma outras orações ou cânticos, nem o toque do órgão ou de outros instrumentos musicais.

O sacerdote não somente pronuncia orações como presidente, em nome de toda a comunidade, mas também, algumas vezes, em nome pessoal, para desempenhar o seu ministério com maior atenção e piedade. Estas orações são ditas em silêncio (“secreto”).

3. Outras fórmulas utilizadas na celebração

A celebração da Missa é, por sua natureza, “comunitária”. Por isso têm uma importância muito particular os diálogos entre o celebrante e a assembleia dos fiéis, bem como as aclamações de tais elementos não são apenas sinais externos de celebração colectiva, mas favorecem e realizam a estreita comunhão entre o sacerdote e o povo.

As aclamações e as respostas dos fiéis as saudações do sacerdote e as orações constituem aquele grau de participação activa por parte da assembleia dos fiéis, que se exige em todas as formas de celebração da Missa, para que se exprima claramente e se estimule a acção de toda a comunidade.

Outras partes da celebração, que pertencem igualmente à assembleia e muito contribuem para manifestar e favorecer a participação activa dos fiéis, são principalmente, a profissão de fé, a oração universal e a oração dominical.

Finalmente, entre as restantes fórmulas:

- a) Umam constituem um rito ou acto por si mesmas, como o hino de **Glória**, o salmo responsorial, o **Aleluia** e o verso antes do evangelho, o **Santo**, a aclamação da anamenese e o cântico depois da comunhão;
- b) Outras destinam-se a acompanhar um rito, como o cântico de entrada, do ofertório, da fracção (**Cordeiro de Deus**) e da comunhão

4. *Modos de proferir os vários textos*

Os textos que devem ser proferidos claramente e em voz alta, quer pelo sacerdote quer pelos ministros quer por todos, a voz deve corresponder ao gênero do texto, conforme se trata de uma leitura, oração, admoção, aclamação ou cântico. Igualmente se há-de acomodar à forma de celebração e à solenidade da assembleia. Tenha-se em conta, além disso, a índole peculiar de cada língua e a mentalidade dos povos.

Nas rubricas e normas que se seguem, as palavras “dizer” ou “proferir” devem ser entendidas como referentes quer ao canto quer à simples recitação, segundo os princípios atrás enunciados.

5. *A Importância do canto*

O Apóstolo exorta os fiéis, que se reúnem à espera da vinda do Senhor, a que unam as vozes para cantar salmos, hinos e cânticos espirituais. O canto é sinal de alegria do coração. Dizia muito bem Santo Agostinho: “Cantar é próprio de quem ama”. E vem já de tempos antigos o provérbio: “Quem bem canta, duas vezes reza”.

Por isso, deve ter-se em grande apreço o canto nas celebrações, de acordo com a índole dos povos e as possibilidades de cada assembleia. Advirta-se, porém, que não é necessário cantar sempre todos os textos que, por si mesmos, se destinam a ser cantados.

Na escolha das partes a cantar, dar-se-á preferência àquelas que tem maior importância, sobretudo às que devem ser cantadas pelo sacerdote ou pelos ministros com resposta do povo, bem como às que o sacerdote e o povo devem proferir conjuntamente.

Dado que hoje é cada vez mais frequente o encontro de fiéis de diferentes nacionalidades, convém que eles saibam cantar em latim pelo menos algumas partes do ordinário da Missa, sobretudo o símbolo da fé e a oração dominical, nas melodias mais fáceis.

6. Gestos e atitudes corporais

A atitude comum, a observar por todos os que tomam parte na celebração, é sinal de comunidade e unidade da assembleia: exprime e favorece os sentimentos e o ânimo dos participantes.

Para se conseguir a necessária uniformidade nos gestos e atitudes, é preciso que os fiéis obedeçam às indicações que, no decurso da celebração, lhes for dada pelo diácono, pelo sacerdote ou por outro ministro.

Em todas as missas, desde o início do cântico de entrada, ou enquanto o sacerdote se encaminha para o altar, até à oração colecta, inclusive; durante o cântico do **Aleluia** que precede o Evangelho; durante a proclamação do Evangelho; durante a profissão de fé e a oração universal; e desde a oração sobre as oblatas até ao fim da missa, excepto nos momentos adiante indicados. Estão sentados: durante as leituras que precedem o Evangelho e durante o salmo responsorial; durante a homilia e durante a preparação dos dons ao ofertório; e, conforme as circunstâncias, durante o silêncio sagrado depois da Comunhão. Estão de joelhos durante a consagração, excepto se a estreiteza do lugar, o grande número de presentes ou outros motivos razoáveis a isso obstarem.

Compete, todavia, às Conferências Episcopais adaptar à mentalidade dos povos os gestos e atitudes indicados no Ordinário da Missa Romana. Atenda-se, porém, a que estejam de acordo com o sentido e o carácter de cada uma das partes da celebração.

Incluem-se também entre os “gestos”: a entrada do sacerdote ao encaminhar-se para o altar; a apresentação das oferendas a procissão dos fiéis para a Comunhão. Convém que estas acções se realizem com decoro, enquanto se executam os cânticos respectivos, dentro das normas estabelecidas para cada caso.

7. O silêncio

Também se deve guardar, nos momentos devidos, o silêncio sagrado, como parte da celebração. A natureza deste silêncio depende do momento em que ele é observado no decurso da celebração. Assim, no acto penitencial e a seguir ao convite á oração, o silêncio destina-se ao reconhecimento interior; a seguirás leituras ou à homilia, é uma breve meditação sobre o que se ouviu; depois da Comunhão, favorece a oração interior de louvor e acção de graças.

III - *As diversas Partes da Missa*

1. *Ritos Iniciais*

Tudo o que precede a liturgia da palavra – entrada, saudação, acto penitencial, **Kyrie eleison (Senhor, tende piedade de nós), Gloria**, oração colecta – tem o caracter de exórdio, introdução.

A finalidade destes ritos é estabelecer a comunhão entre os fiéis reunidos e dispô-los para ouvirem a palavra de Deus e celebrarem dignamente a Eucaristia.

§ Entrada

Reunido o povo, quando entra o sacerdote com os ministros, inicia-se o cântico de entrada. A finalidade deste cântico é dar início à celebração, favorecer a união dos fiéis reunidos e introduzi-los no mistério do tempo liturgico ou da festa, e ao mesmo tempo acompanhar a procissão de entrada do sacerdote e dos ministros.

O cântico de entrada é executado alternadamente pela *schola* e pelo povo, ou por um cantor alternando com o povo, ou por toda a assembleia em conjunto, ou somente pela *schola*. Pode utilizar-se ou a antífona com o respectivo salmo que vem no *Gradual Simplex*, ou outro cântico apropriado à acção sagrada ou de carácter do dia ou no tempo, desde que o texto tenha a aprovação da Conferência Episcopal.

Se não há cântico de entrada, recita-se a antífona que vem no Missal, ou por todos os fiéis, ou por um grupo, ou por um leitor; ou então pelo próprio sacerdote a seguir à saudação.

§ Saudação do altar e da assembleia

Chegados ao presbitério, o sacerdote e os ministros saúdam o altar. Em sinal de veneração, o sacerdote e o diácono beijam o altar; e, conforme as circunstâncias o sacerdote incensa-o.

Terminado o cântico de entrada, o sacerdote e toda a assembleia benzem-se com o sinal da cruz. Em seguida, o sacerdote dirige uma saudação à comunidade reunida, exprimindo a presença do Senhor. Com esta saudação e a resposta do povo manifesta-se o mistério da Igreja reunida.

§ Acto penitencial

Depois da saudação, o sacerdote, ou outro ministro idóneo, faz aos fiéis uma brevíssima introdução à Missa do dia. Em seguida, o sacerdote convida ao acto penitencial. Este é constituído pela confissão geral dos pecados feita por toda a comunidade e termina com a absolvição dada pelo sacerdote.

§ Kyrie (Senhor, tende piedade de nós)

A seguir ao acto penitencial, entoa-se o **Kyrie, eleison (Senhor, tende piedade de nós)**, a não ser que já tenha feito parte do acto penitencial. Dado tratar-se de um canto em que os fiéis aclamam o Senhor e imploram a sua misericórdia, é normalmente executado por todos, em forma alternada entre o povo e a *schola* ou um cantor.

Cada uma das aclamações diz-se normalmente duas vezes, o que não exclui a possibilidade de as repetir maior número de vezes, ou até lhes intercalar um breve “*tropo*”, de acordo com a índole de cada língua, da arte musical ou das circunstâncias. Se não for cantado o **Kyrie** é recitado.

§ O Glória

O Glória é um antiquíssimo e venerável hino com que a Igreja, congregada no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus e ao Cordeiro. É cantado por toda a assembleia dos fiéis, ou pelo povo alternado com a *schola* ou só pela *schola*. Se não é cantado, é recitado por todos em conjunto ou alternadamente.

Canta-se ou recita-se aos domingos (fora do Advento e da Quaresma), nas solenidades e festas, bem como em celebrações mais solenes.

§ A Oração colecta

Seguidamente, o sacerdote convida o povo à oração; e todos, juntamente com ele, se recolhem uns momentos em silêncio, a fim de tomarem consciência de que se encontram na presença de Deus e formularem interiormente as suas intenções. Depois o sacerdote diz a oração chamada “colecta”. Nela se exprime o carácter da celebração e se dirige a suplica a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

O povo associa-se a esta súplica e faz a sua oração, dando o seu assentimento expresso pela aclamação **Amem.**

Na Missa diz-se uma sé oração colecta. A mesma norma se aplica igualmente à oração sobre as oblatas e à oração e à oração depois de comunhão.

A oração colecta termina sempre com a conclusão seguinte:

Se é dirigida ao Pai: **Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo;**

Se é dirigida ao Pai, mas no fim é mencionado o filho:

[Ele] que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo;

Se é dirigida ao filho: **Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.**

A oração sobre as oblatas e a oração depois da comunhão terminam sempre com a conclusão breve:

Se são dirigidas ao Pai: **Per Christum Dominum nostrum;**

Se são dirigidas ao Pai, mas no fim é mencionado o Filho: **Qui vivit et regnat in saecula saeculorum;**

Se são dirigidas ao filho: **Qui vivivis et regnas in saecula saeculorum.**

***Com a aprovação da Sé Apostólica, nos países de língua portuguesa as orações concluem todas do mesmo modo.**

2. A Liturgia da palavra

A parte principal da liturgia da palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura com cânticos intercalares. São seu desenvolvimento e conclusão a homilia, a profissão de fé e a oração universal ou oração dos fiéis.

Nas leituras, comentadas pela homilia, Deus fala ao seu povo, revela-lhe o mistério da redenção e salvação e oferece-lhe o alimento espiritual. Pela sua palavra, o próprio Cristo está presente no meio dos fiéis.

O povo faz sua a palavra divina com cânticos e a ela adere com profissão de fé. Assim alimentado com a palavra divina, eleva a Deus as suas preces na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro.

§ As Leituras Bíblicas

Nas leituras põe-se aos fiéis a mesa da palavra de Deus e abrem-se-lhes os tesouros da Bíblia. Segundo a tradição, a leitura dos textos não é função presidencial, mas sim ministerial. Por conseguinte, convém que a leitura do Evangelho seja feita normalmente pelo diácono ou, na falta deste, por um sacerdote distinto do sacerdote que preside; as outras leituras são confiadas ao leitor. Na falta do diácono ou de outro sacerdote, o Evangelho é lido pelo próprio sacerdote celebrante.

A proclamação do Evangelho deve ser acompanhada com a maior veneração. Assim o mostra a própria Liturgia, distinguindo esta leitura com honras especiais, quer por parte do ministro encarregado de a anunciar e pela bênção e oração com que se prepara para o fazer, quer por parte dos fiéis que, com as suas aclamações, reconhecem e confessam que é Cristo presente no meio deles que lhes fala, e por isso escutam a leitura de pé; quer ainda pelos sinais de reverência ao próprio livro dos Evangelhos.

§ Os Cânticos intercalares

A primeira leitura é seguida do salmo responsorial ou gradual, que é parte integrante da liturgia da palavra. Normalmente o salmo toma-se do Leccionário, dado que o seu texto tem relação directa com a leitura correspondente: a escolha do salmo está dependente das leituras. Todavia, para facilitar ao povo a resposta salmódica (refrão), fez-se, para os diferentes tempos e as várias categorias de Santos, uma selecção variada de responsórios e salmos, que podem ser utilizados, em vez do texto correspondente à leitura, quando o salmo é cantado.

O salmista ou cantor do salmo, desde o ambão ou de outro sitio conveniente, recita os versículos do salmo, que toda a assembleia escuta sentada; ou melhor, ao qual a assembleia se associa normalmente respondendo com o refrão a não ser que o salmo seja recitado todo seguido, sem refrão.

No caso de ser contado, em vez do salmo que vem indicado no Leccionário, pode-se cantar ou o gradual tirado do *Gradual Romano* ou um salmo responsorial do *Gradual Simples*, na forma indicada nesses livros.

À Segunda leitura segue-se o **Aleluia** ou outro cântico, conforme o ano litúrgico.

- a) O **Aleluia** canta-se em todos os tempos fora da quaresma. É cantado por todos ou pela *schola* ou por um cantor; e pode-se repetir, se for conveniente. Os versículos tomam-se ou do Leccionário ou do Gradual;
- b) O outro cântico é constituído por um versículo antes do Evangelho, ou por outro salmo ou tracto, como se indica no Leccionário ou no Gradual.

No caso de haver uma só leitura antes do Evangelho:

- a) Nos tempos em que se diz **Aleluia**, pode escolher-se ou o salmo aleluiático, ou o salmo e o **Aleluia** com o seu versículo, ou só o salmo, ou só o **Aleluia**;
- b) No tempo em que não se diz **Aleluia**, pode escolher-se ou o salmo ou o versículo antes do Evangelho.

O salmo que se refere à leitura, se não é cantado deve ser recitado; o **Aleluia** ou o versículo antes do Evangelho, se não são cantados, podem omitir-se.

As sequências não são obrigatórias, excepto nos dias da Páscoa e do Pentecostes.

§ A Homilia

A homilia é parte integrante da liturgia e muito recomendada: é um elemento necessário para alimentar a vida cristã. Deve ser a explicação de algum aspecto das leituras da Sagrada Escritura ou de algum texto do ordinário ou do Próprio da Escritura ou de algum texto do Ordinário ou do Próprio da Missa do dia, tendo em conta o mistério que se celebra, bem como as necessidades peculiares dos ouvintes.

Nos domingos e festas de preceito, deve fazer-se a homilia em todas as missas celebradas com participação do povo; e não pode omitir-se senão por causa grave. Além disso, é recomendada, particularmente nos dias feriais do Advento, Quaresma e Tempo Pascal, e também noutras festas e ocasiões em que é maior a influência do povo à igreja. Normalmente a homilia é feita pelo próprio sacerdote celebrante.

§ Profissão de fé

O símbolo, ou profissão de fé, na celebração da Missa, tem como finalidade exprimir o assentimento do povo, como resposta à palavra de Deus escutada nas leituras e na homilia, e recordar a regra de fé antes de começar a celebração da Eucaristia.

O símbolo deve ser recitado pelo sacerdote juntamente com o povo, aos domingos e nas solenidades. Pode também dizer-se em celebrações mais solenes. Se é cantado, normalmente cantam-no todos em conjunto ou em forma alternada.

§ Oração universal

Na oração universal ou oração dos fiéis, o povo, exercendo a sua função sacerdotal, ora por todos os homens. Convém que em todas as Missas com assistência do povo se faça esta oração, na qual se pede pela santa Igreja, pelos governantes, pelos que sofrem, por todos os homens em geral pela salvação do mundo inteiro.

Normalmente a ordem das intenções é a seguinte:

- a) Pelas necessidades da igreja;
- b) Pelas autoridades civis e pela salvação do mundo;
- c) Por aqueles que sofrem dificuldades;
- d) Pela comunidade local.

Em celebrações especiais – por exemplo, Confirmação, Matrimônio, Exéquias a ordem das intenções pode acomodar-se às circunstâncias.

Compete ao sacerdote dirigir estas preces, convidar os fiéis a orar com uma breve admoção inicial e dizer finalmente a oração conclusiva. Convém que as intenções sejam enunciadas por um diácono, por um cantor ou por outra pessoa. Toda a assembleia faz suas estas suplicas, ou com uma invocação comum proferida depois de cada intenção, ou com a oração em silêncio.

3. *A Liturgia Eucarística*

Na Última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e banquete pascal, por meio do qual, todas as vezes que o sacerdote, representando a Cristo Senhor, faz o mesmo que o Senhor fez e mandou aos discípulos que fizessem em sua memória, é continuamente reactualizado o sacrifício da cruz.

Cristo tomou o pão e o cálice, pronunciou a acção de graças, partiu o pão e deu-o aos seus discípulos, dizendo: "Tomai, comei, bebei: isto é o meu Corpo; este é o meu Sangue. Fazei isto em memória de Mim". Foi a partir destas palavras e gestos de Cristo que a Igreja ordenou toda a celebração da liturgia eucarística. Efectivamente:

- 1) Na preparação das oferendas, levam-se ao altar o pão e o vinho com água, isto é, os mesmos elementos que Cristo tomou em suas mãos.
- 2) Na Oração Eucarística, dão-se graças a Deus por toda a obra da salvação e as oblatas convertem-se no Corpo e Sangue de Cristo.
- 3) Pela fracção de um só pão, é significada a unidade dos fiéis; e estes, pela comunhão, recebem o Corpo e Sangue do Senhor, do mesmo modo que os Apóstolos o receberam das mãos do próprio Cristo.

§ A Preparação das Oferendas

A iniciar a liturgia eucarística, levam-se para o altar os dons que se vão converter no Corpo e Sangue de Cristo.

Em primeiro lugar prepara-se o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística; nele se dispõe o corporal, o purificador (ou o sanguíneo), o Missal e o cálice, salvo se este for preparado na credência.

Em seguida são trazidas as oferendas. É de louvar que o pão e o vinho sejam apresentados pelos fiéis. Recebidos pelo sacerdote ou pelo diácono em lugar conveniente, são depois colocados sobre o altar enquanto se recitam as fórmulas prescritas. Embora, hoje em dia, os fiéis não ofereçam do seu próprio pão e vinho, como se fazia noutros tempos, no entanto o rito desta oferta conserva ainda valor e significado espiritual.

Além do pão e do vinho, são permitidas ofertas em dinheiro e outros dons, destinados aos pobres ou à Igreja, e tanto podem ser trazidos pelos fiéis como recolhidos dentro da igreja. Estes dons serão dispostos em lugar conveniente, fora da mesa eucarística.

A procissão em que se faz a apresentação das oferendas é acompanhada do cântico do ofertório, que se prolonga pelo menos até que os dons tenham sido depositos sobre o altar. As normas para a execução deste cântico são idênticas às que foram dadas para o cântico de entrada. A antífona do ofertório, se não é cantada, omite-se.

Podem incensar-se as oblatas depostas sobre o altar, bem como o próprio altar. Deste modo se pretende significar que a oblação e oração da igreja se elevam, como fumo de incenso, à presença de Deus. Depois de incensadas as oblatas e o altar, também o sacerdote e o povo podem ser incensados pelo diácono ou por outro ministro.

A seguir, o sacerdote lava as mãos: com este rito se exprime o desejo de uma purificação interior.

Terminada a colocação dos dons sobre o altar e os ritos que a acompanham, conclui-se a preparação das oferendas com um convite para que todos orem juntamente com o sacerdote, e com a oração sobre as oblatas. Assim termina a preparação dos dons e tudo está preparado para a Oração Eucarística.

§ A Oração Eucarística

É neste momento que se inicia o ponto central e culminante de toda a celebração, a Oração Eucarística, que é uma oração de acção de graças e de consagração. O sacerdote convida o povo a elevar os corações para o senhor, na oração e na acção de graças, e associa-o a si na oração que ele, em nome de toda a comunidade, dirige a Deus Pai por Jesus Cristo. O sentido desta oração é que toda a assembleia dos fieis se una a Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício.

Como elementos principais da oração Eucarística podem enumerar-se os seguintes:

- a) **Acção de graças** (expressa de modo particular no prefácio): em nome de todo o povo santo, o sacerdote glorifica a Deus Pai e dá-lhe graças por toda a obra da salvação ou por algum dos seus aspectos particulares, conforme, o dia, a festa ou o tempo litúrgico.

- b) **Aclamação:** toda a assembleia, em união com os coros celestes, canta ou recita o **Santus (Santo)**. Esta aclamação, que faz parte da oração Eucarística, deve ser cantada ou recitada por o povo juntamente com o sacerdote.
- c) **Epiclese:** consta de invocações especiais, pelas quais a igreja implora o poder divino para que os dons oferecidos pelos homens sejam consagrados, isto é, se convertam no Corpo e Sangue de Cristo; e para que a hóstia imaculada, que vai ser recebida na comunhão, opere a salvação daqueles que dela vão participar
- d) **Narração da instituição e consagração:** mediante as palavras e gestos de Cristo, realiza-se o sacrifício que o próprio Cristo instituiu na Última Ceia, quando ofereceu o seu Corpo e Sangue sob as espécies do pão e do vinho e os deu a comer e a beber aos apóstolos, ao mesmo tempo que lhes confiou a mandato de perpetuar este mistério.
- e) **Anamnese:** em obediência a este mandato, recebido de Cristo Senhor através dos Apóstolos, a Igreja celebra o memorial do Senhor, recordando de modo particular a sua bem-aventurada paixão e a sua gloriosa ressurreição e ascensão aos Céus.
- f) **Oblação:** neste memorial, a Igreja, de modo especial aquela que nesse lugar está reunida, oferece a Deus Pai, no espírito Santo, a hóstia imaculada. A igreja deseja que os fiéis não somente ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer-se também a si mesmos e, por Cristo mediador, se esforcem por realizar de dia para dia a unidade perfeita com Deus e entre si, até que finalmente Deus seja tudo em todos.
- g) **Intercessões:** por elas se exprime que a Eucaristia é celebrada por toda a Igreja, tanto do Céu como na terra, e que a oblação é feita em proveito dela e de todos os seus membros, vivos e defuntos, chamados todos a tomar parte na redenção e salvação adquirida pelo Corpo de Cristo
- h) **Doxologia final:** exprime a glorificação de Deus e é ratificada e concluída pala aclamação do povo.

A Oração Eucarística exige que todos a escutem com reverência e em silêncio, e que nela participem por meio das aclamações previstas no próprio rito.

4. O Rito da Comunhão

A celebração eucarística é um banquete pascal. Convém, por isso, que os fiéis, devidamente preparados, nela recebam, segundo o mandato do Senhor, o seu Corpo e Sangue como alimento espiritual. É esta a finalidade da fracção e dos outros ritos preparatórios, que dispõem os fiéis, de forma mais imediata, para a Comunhão:

- a) **Oração dominical (Pai Nosso):** nela se pede o pão de cada dia, que para os cristãos evoca também o pão eucarístico; igualmente se pede a purificação dos pecados, de modo que efectivamente “as coisas santas sejam dadas aos santos”. O sacerdote formula o convite à oração, que todos os fiéis recitam juntamente com ele. Então o sacerdote diz sozinho o embolismo, que o povo conclui com uma doxologia. O embolismo é o desenvolvimento da última petição da oração dominical; nele se pede para toda a comunidade dos fiéis a libertação do poder do mal. O convite, a oração, o embolismo e a doxologia conclusiva dita pelo povo, devem ser cantados ou recitados em voz alta.
- b) Segue-se o **rito da paz**, no qual os fiéis imploram a paz e a unidade para toda a Igreja e para toda a família humana, e saúdam-se uns aos outros em sinal de mútua caridade, antes de participarem do mesmo pão. Quanto ao sinal da paz em si mesmo, as Conferências Episcopais determinarão como se há-de fazer, tendo em conta a mentalidade e os costumes dos povos.
- c) **O gesto da fracção**, praticado por Cristo na última Ceia, serviu para designar, nos tempos apostólicos, toda a acção litúrgica. A finalidade deste rito não é meramente prática; ele significa que todos nós, apesar de muitos, nos tornamos, pela Comunhão do mesmo pão da vida que é Cristo, um só Corpo (1 Cor 10,17).

- d) “**Immixitio**”: o sacerdote deita no cálice um fragmento da hóstia.
- e) **Agnus Dei (Cordeiro de Deus)**: enquanto se efectua a fracção do pão e a “Immixitio”, a schola ou um cantor canta ou recita em voz alta a invocação Cordeiro de Deus, a que todo o povo responde. Esta invocação pode repetir-se o número de vezes que for preciso, enquanto durar a fracção do pão. Na última vez conclui-se com as palavras: **Dai-nos a paz.**
- f) Preparação pessoal do sacerdote: o sacerdote prepara-se para receber frutuamente o Corpo e Sangue de Cristo rezando uma oração em silêncio. Semelhante preparação fazem os fiéis com uma oração silenciosa.
- g) Depois o sacerdote mostra aos fiéis o pão eucarístico que vão receber na comunhão e convida-os para a Ceia do Senhor; e, juntamente com os fiéis, faz um acto humilde, utilizando as palavras do Evangelho.
- h) É muito para desejar que os fiéis recebam o Corpo do Senhor com hóstias consagradas na própria Missa e, nos casos previstos, comunhem também do cálice, para que a comunhão se manifeste, de forma mais clara, nos próprios sinais sacramentais, como participação efectiva no sacrifício celebrado nesse momento.
- i) Enquanto os sacerdotes e os fiéis recebem o sacramento, canta-se o cântico da Comunhão, que deve exprimir, com a unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, manifestar a alegria do coração e dar um sentido mais fraterno à procissão daqueles que vão receber o Corpo de Cristo. O cântico inicia-se no momento da comunhão do sacerdote e prolonga-se o tempo que parecer oportuno, enquanto os fiéis comungam o Corpo de Cristo. Se canta um hino depois da comunhão, o cântico da comunhão deve terminar a tempo. Como o cântico da comunhão pode utilizar-se ou a antífona indicada no *Gradual Romano*, com ou sem salmo correspondente, ou a antífona do *Gradual Simples* com o respectivo salmo, ou outro cântico apropriado, desde que aprovado pela Conferência Episcopal. Pode ser cantado pela *schola*, ou pela *schola* e um cantor juntamente com o povo.

Se não há cântico, recita-se a antífona que vem no Missal, ou por todo o povo, ou por um grupo de fiéis, ou por um leitor, ou então pelo próprio sacerdote depois de Ter comungado e antes de dar a Comunhão aos fiéis.

- j) Terminada a comunhão, o sacerdote e os fiéis, conforme as circunstâncias, oram alguns momentos em silêncio. Também pode ser cantado por toda a assembleia um hino ou um salmo ou outro cântico de louvor.
- k) Na oração depois da Comunhão, o sacerdote implora os frutos do mistério celebrado e o povo faz sua, esta oração por meio da aclamação: **Amem.**

5. *Rito conclusivo*

O rito de conclusão consta de:

- a) Saudação e bênção do sacerdote, a qual em certos dias e em ocasiões especiais, é enriquecida e amplificada com uma “oração sobre o povo” ou com outro formula mais solene de bênção.
- b) Despedida da assembleia, para que possa cada qual regressar às suas ocupações, louvando e bendizendo o Senhor.

Bibliografia:

- *Introdução Geral ao Missal Romano*
- *A Eucaristia que celebramos – Pe. Joviano de Lima Júnior*
- *O Manual do Acólito – Pe. Armando Duarte*
- *Apontamentos particulares – José Martins Batista Brissos*